



Nahira Brigagão Salgado

NOTA AL

PIE

LIVRO DE FOTOGRAFIA
narrativa e experimentação

Brasília
2014

Nahira Brigagão Salgado

NOTA AL PIE

LIVRO DE FOTOGRAFIA, *narrativa e experimentação*

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de graduação em
Desenho Industrial, na habilitação de
Programação Visual apresentado à
Universidade de Brasília - UnB

Orientador: Rogério José Câmara
Banca avaliadora: Juliano Serra e
Marisa Cobbe Maass

Brasília
2014

Nahira Brigagão Salgado

NOTA AL PIE

LIVRO DE FOTOGRAFIA, *narrativa e experimentação*

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de graduação em
Desenho Industrial, na habilitação de
Programação Visual apresentado à
Universidade de Brasília - UnB

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

_____/_____/_____
Rogério José Câmara (DIN/UnB)
(Orientador)

_____/_____/_____
Juliano Serra Barreto (DIN/UnB)
(Examinador interno)

_____/_____/_____
Marisa Cobbe Maass (DIN/UnB)
(Examinador interno)

INTRODUÇÃO

Filha de mãe artista e pai agrônomo (e não menos artista) , em 2009 entrei no curso de Desenho Industrial por ter um grande apreço pelo envolvimento pessoal numa produção, o trabalho manual ou participação no processo de produção, produzir algo e vê-lo pronto. O curso me pareceu ser o que mais contemplasse minhas diversas áreas de interesse, dentre elas desenho, fotografia e trabalhos manuais em geral. Com o desenrolar do curso descobri outras áreas e amadureci meus interesses, assim como aptidão para outras produções. Desenvolvi gosto especialmente por impressos e me aprofundei na fotografia.

Em 2013 iniciei a matéria “TCC 1”, com o professor André Maya. Comecei os estudos em livro objeto para o desenvolvimento de um áudio book sobre contos que uma amiga criava. Não deu certo, por motivos de desencontro, ela se mudou, e por esse e outros motivos o projeto não seguiu. Continuei com o curso, esperando uma nova oportunidade/ideia que me agradasse para o projeto de conclusão.

Em certo momento li um livro do escritor Eduardo Galeano, chamado “Filho dos Dias”, onde ele escreveu 365 textos, um para cada dia do ano. Cada página do livro para um dia, um texto. O que me levou a pensar sobre a interação de conteúdo x forma, pois no caso deste livro essa relação era confusa, podia ser melhor aproveitada. O importante aqui não é discutir o design do livro, mas que nesse momento me interessei por me aprofundar na relação entre esses aspectos, e como eles podem interagir para que a intenção do autor seja melhor aproveitada e passada ao leitor.

Percebi então a necessidade de criar o conteúdo para essa experimentação, já que depender de terceiros pode complicar um projeto que deve ser desenvolvido em apenas um semestre.

Seguindo com a procura encontrei o que procurava em outro livro. Em “Amores Difíceis” de Ítalo Calvino, há um conto chamado “Aventura de um fotógrafo” , onde o personagem principal, Antonio, tem o seu primeiro contato com a fotografia, e

busca entendê-la. Passando por divagações acerca do momento do disparar, o contexto em que o fotógrafo está inserido e as fotografias já impressas, entre outros. Ele mergulha nesse universo imagético, experimenta ao máximo, para no fim não necessariamente encontrar respostas equivalentes aos questionamentos. Calvino é um escritor que tenho grande prazer em ler, sempre me identifiquei com o modo como ele propõe um assunto e simplesmente explana sobre ele, no fluxo do próprio pensamento. Com esse conto em específico, ele trouxe em mim, talvez mais do que nunca, uma vontade de fotografar e de pensar mais sobre isso, estudar, experimentar, percebi que gostava mais de fotografia do que pensava. Nada mais justo então do que ser assunto do meu projeto.

Estamos então num ponto onde eu já havia decidido por um trabalho impresso, autoral e que envolvesse fotografia.

Comece a desenvolvê-lo. A ideia inicial era estudar grupos de fotografias, séries, e buscar nelas referências com a identidade visual, o que as fazer ser reconhecidas como série, como parte de um todo.

Após ter entregue o projeto para diplomação em programação visual, surgiu uma oportunidade: acompanhar um familiar na entrega de um prêmio que ele havia ganhado. E o prêmio seria entregue na Cidade do México .

Sempre gostei de viajar, de me colocar em viagem. Ir para um lugar desconhecido a mim e vivenciá-lo, andar pelas ruas da cidade, olhar as pessoas e a paisagem, e conseqüentemente, fotografar. Os assuntos são novos ao olhar, e o olhar está preparado para isso, uma situação onde o viajante busca essas diferenças, esses novos assuntos.

Decidi aproveitar essa oportunidade e usar como conteúdo o registro fotográfico da viagem. Usar as imagens para contar uma experiência: minhas duas semanas na Cidade do México. Chegamos então no momento decisivo o qual esse texto buscava, a escolha por: Impresso x Fotografia x Viagem.

OBJETIVOS & OBJETO

Meu interesse por objetos impressos, entre outros motivos, vem do processo, do material. Possuir uma informação física, que tem a possibilidade de ser reproduzida, em pequena ou grande escala.

Uma informação publicável, que se torna pública, na raiz da palavra, e que representa o foco da publicação .

Existem diversas técnicas para imprimir um texto, uma imagem. Minha vontade é explorar as possibilidades do impresso, utilizando os conhecimentos adquiridos no curso.

Quero então criar uma publicação, desde o conteúdo, passando pela montagem da narrativa (uma narrativa visual) e chegando na forma física, palpável, do objeto.

Buscando uma interação com o público, com o leitor.

Levar a minha experiência, já transformada em memória, à outras pessoas, para que essa informação sofra uma reverberação . Uma experiência vivida, transformada e que alcança além de onde eu posso atingir, seja contando histórias ou simplesmente mostrando essas imagens.

Além das fotografias, me interessa fazer parte do processo, desde a escolha do material até a produção.

No âmbito da narrativa, quero construir um contexto, não apenas mostrar fotografias, mas também, durante a viagem, colher outros tipos de material, como desenhos, escritos, objetos e informações.

FOTOGRAFIA x VIAGEM

Quando se viaja — viagem no campo espacial, deslocamento, cultura e quebra de rotina — me ponho em situação de uma nova rotina, outros tempos e escolhas. Esse deslocamento aliado a uma nova cultura, novas imagens, novos olhares, te força a tomar atitudes que não as de sua rotina diária. Onde dormir, o que comer, por onde andar. Esse conjunto complexo de atitudes transforma o olhar. Um viajante, seja pelo local ou cultura, é colocado em constante novidade, um lugar novo, uma cultura nova, um jeito diferente que as pessoas do lugar fazem as coisas. Tudo. As roupas, os costumes, as comidas... Ver essas coisas novas, de um jeito novo (toma-se aqui por novo o desconhecido, ou nunca visto ao vivo antes).

Viajar para conhecer algo novo. Quando em viagem, vivencia-se. Ainda que o lugar seja previamente conhecido (podem ter nos contado sobre ele ou pesquisado sobre, visto imagens e relatos) a experiência é sempre nova.

Estar em um ambiente propício a novos olhares, cria em mim a vontade de fotografar. Registrar o novo, para me lembrar, para recordar, para provar.

Provar no sentido de mostrar a mim mesma e a quem se interessar, como foi e degustar novamente as experiências.

Ao lembrar de um fato, ele é influenciado por diversos fatores que alteram esse fato. Se duas pessoas conversarem sobre um ocorrido específico, por exemplo, cada um alterará essa lembrança, lembrará de um jeito diferente do outro. Emoção ou razão mudam a lembrança em sua raiz, um clima, uma voz, um detalhe que te leva a outra lembrança passada. E a cada vez que lembramos, uma nova alteração ocorre.

Rever fotos de uma viagem, é, ao meu ver, viajar novamente.

Num breve histórico do surgimento e popularização da fotografia relacionando-a com a viagem, podemos passar por momentos em que chegavam a nossas mãos imagens como postais dos mais diversos lugares, pinturas, gravuras... Transformadas após o surgimento da fotografia, em chapas tiradas desses lugares e de tantos outros mais. A partir de 1839, reconhece-se o primeiro aparelho fotográfico produzido comercialmente, concebido por Daguerre e fabricado por Alphonse Giroux. Isso possibilita uma popularização da imagem fotográfica, ao invés de representações (pinturas, desenhos, gravuras) de lugares desconhecidos, podíamos então observar pequenas “cópias” dos locais. Porém ainda muito limitadas pelos aparelhos de difícil locomoção e manuseio, como o fato de ainda não ter surgido o obturador, o momento da captura era feito completamente manual, desde o tirar a tampa, até o colocar.

Em 1888, surgiu uma câmera portátil, a Kodak, e em 1889 o advento do filme sensibilizado em película transparente, mostrando ao público uma nova forma de capturar imagens. Agora as pessoas poderiam carregar consigo suas câmeras fotografar assuntos diversos. Inclusive suas viagens.

Nessa virada de século, a imagem se torna acessível, com o avanço fotográfico e de produção industrial, é viável produzir e distribuir essas imagens. Isso transforma o cenário imagético do ser, de imaginar lugares e coisas, passamos a reconhecer visualmente como realidade, guardar e até colecionar essas imagens. Pelos cartões postais ainda havia a possibilidade recorrente de maior alcance das informações, a possibilidade de enviar por carta, por exemplo, poder mostrar onde você está para alguém.

Isso atinge diretamente a visão de mundo que era alcançada pela maioria da população nessa época. Poder ver como é o outro lado do país, do mundo, sem estar lá. “Um mundo portátil, fartamente ilustrado, passível de ser colecionado, constituído de uma sucessão infundável de temas vem finalmente saciar o imaginário popular.”

(KOSSOY, Boris, O Cartão postal, p.63). Imagens nunca vistas em um novo processo de distribuição da industrialização.

“Com o nascimento do novo século, é inaugurada, também, a era da imagem multiplicada para o consumo de massa. Consolida-se, a partir daquele momento, o que se convencionou chamar de ‘civilização da imagem’...” (KOSSOY, Boris, O Cartão postal, p.63).

A possibilidade nunca tida antes, de registro da experiência, levou nos tempos de hoje, a uma saturação de imagens e referências visuais, além da necessidade de possuir esse momento, mesmo que em arquivos digitais, dentro de pasta quase inacessíveis e inutilizadas. Não damos mais um destino físico para essas fotos, transformamos álbuns em objetos virtuais, onde a necessidade de guardar virou uma necessidade de mostrar, de que vejam, gostem, aprovelem.

“Por sua vez, a imagem fotográfica, automática e infinitamente reproduzível, potencializa esta tendência de flexibilização dos signos. Mais do que isto, tornou-se a metáfora pela qual estas transformações podem ser figuradas. Tal pertinência deve-se a que a lógica do dispositivo fotográfico fundamenta-se nas características temporais e espaciais que marcam a experiência moderna – a constituição de um espaço qualquer e de uma temporalidade instantânea.” (FATORELLI, Antonio, Fotografia e Viagem, p.43).

Antonio Fatorelli relata fotógrafos que usavam viagem em seus repertórios, não só a mudança de território, mas na própria cidade ou até mesmo em seus estúdios.

“Os primeiros fotógrafos de paisagem — Carleton Watkins e Francis Frith entre eles — e os primeiros fotógrafos documentaristas, como Roger Fenton e Alexander Gardner, empreenderam viagens que são exemplares deste movimento em direção a um território desconhecido. Outros fotógrafos, como Atget e Brassai, viajaram no próprio território da cidade, recorrendo à fotografia como uma forma de registrar suas caminhadas e seus encontros. Por

outro lado, alguns fotógrafos retratistas não tanto comerciais, como Nadar e Cameron, foram igualmente movidos por esta mesma tensão que envolve a presença do outro, figurada agora não mais em relação a um território, mas a uma identidade. Nesta viagem intimista, repleta de signos diáfanos, importa, mais do que registrar uma superfície, revelar o sentimento ou mesmo a aura, como sugeriu Cameron, que se oculta sob o rosto retratado. Trata-se, neste caso, de viagens verticais, realizadas preferencialmente em estúdios, que elegem como território a paisagem do corpo e da mente.” (FATORELLI, Antonio, Fotografia e Viagem, p.43).

Mostrando então o deslocamento como assunto, um registro deste deslocamento, impregnado do ponto de vista do próprio fotógrafo. “Esses fotógrafos distinguem-se pelo espírito de aventura, por uma certa exposição a situações de risco, mas sobretudo pela vontade de dominar um território estranho, de conhecer mais – e são essas precisamente as disposições que conformam o imaginário do viajante moderno.” (FATORELLI, Antonio, Fotografia e Viagem, p.44). Comentando Robert Frank e outros fotógrafos da década de 1920.

Vejo na fotografia (não mais ou menos que em outras artes), uma impossibilidade de separar a imagem do autor, é o seu percurso, é a sua escolha e sua experiência.

“Mais ou menos estetas, mais ou menos humanistas, estes fotógrafos estabeleceram um conjunto de pontos de vista sobre as pessoas, a arquitetura e as paisagens que retratam. Entretanto, mais do que pontos de vista, estas viagens consomem diferentes tipos de experiência que oscilam do modo extensivo, quando a viagem se realiza no território, envolvendo o deslocamento do fotógrafo ao modo intensivo, momento em que prevalece um movimento vertical de intensificação dos afetos e das emoções.” (FATORELLI, Antonio, Fotografia e Viagem, p.45)

A fotografia possibilitou o “mostrar” do ambiente real, mas além disso, o imaginário.

Uma foto por uma foto diz tudo, mas pode não dizer nada. Sem estar inserida num contexto, aliada a uma legenda ou texto ela está solta, podendo ser deslocada de um contexto para outro e obter novo significado. Fotografia e imagem como texto.

“Fotografia é memória enquanto registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos; documentando vivos ou mortos, é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência /ocorrência. É o assunto ilusoriamente re-tirado de seu contexto espacial e temporal, codificado em forma de imagem. Vestígios de um passado, admiráveis realidades em suspensão, caracterizadas por tempos muito bem demarcados: o de sua gênese e o de sua duração.” (KOSSOY, Boris, Os tempos da fotografia).

Mais do que cartões postais, a fotografia e os avanços em impressão possibilitou mostrar ações, cenas do cotidiano, cenas espetaculares, costumes de outra cultura. Reviver uma experiência que não necessariamente é a sua, ou a sua própria. Uma propaganda de sua experiência.

Boris Kossoy mostra também como essas imagens eram aliadas a texto ou colocadas em seu contexto: “Estes (cartões), como os de outros fotógrafos e ilustradores, sejam do Brasil, sejam de qualquer parte, preservam em sua estética uma dupla memória: a iconográfica propriamente dita e a mensagem escrita de afeição e saudade”. (KOSSOY, Boris, O Cartão postal).

Desde o surgimento da imagem fotográfica, ela está atrelada a manter a memória do homem, consciente ou inconscientemente ela é uma “captura” do tempo, de um momento vivido, que ao ser revisto, será lembrado.

Faz parte da fotografia tirada o “não saber” de seu tempo de duração, ela pode ser revelada, ampliada, replicada. Além do tempo que foi capturado, o tempo estendido, em que a imagem é vista ou re-vista.

“Uma única fotografia e dois tempos: o tempo da criação, o da primeira realidade, instante único da tomada do registro no passado, num determinado

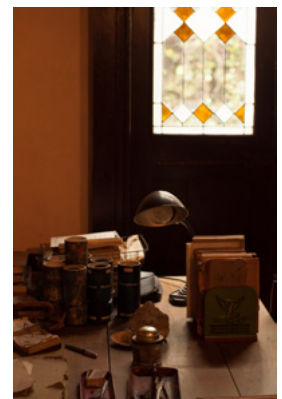
lugar e época, quando ocorre a gênese da fotografia; e o tempo da representação, o da segunda realidade, onde o elo imagético, codificado formal e culturalmente, persiste em sua trajetória na longa duração. O efêmero e o perpétuo, portanto”.

O efêmero e o perpétuo. Se levamos esse conceito para fotografias de viagem, temos a experiência atuando como efêmero e o registro como perpétuo.

Pela experiência passamos apenas uma vez. Momento passageiro, e até pelo prévio conhecimento de ser passageiro, vivenciamos não como em nossas rotinas diárias comuns. Cada lugar que se passa ou conversa que se tem, é momento único e fluído, passa. Ao passar pela experiência de viagem (estamos aqui falando de viagem, mas poderíamos ampliar à outros tipos de registro) se registramos, guardamos e re-visitamos, perpetuamos esse momento, mesmo que por um tempo contado. Se essas imagens são passadas adiante, ao meu ver, esse tempo é multiplicado.

Quando mostramos esses registros a terceiros, alguém que não esteve vivenciando a viagem, terá uma outra experiência. As imagens, para essa pessoa, remeterá a outros momentos, outras referências, o que implica em uma nova memória criada, a dela sobre a viagem, a dele de ver as imagens, o que essas imagens a fez relembrar.

Essa experiência do ver as fotografias é influenciada pelo meio em que elas estão inseridas, de que forma são mostradas, pelo contexto, pelo texto. Essas fotografias, por exemplo, foram capturadas durante minha “viagem-experiência” à Cidade do México, mas por si só, sem outras aliadas ou relatos, não mostram ao leitor a história em si.



Me inspiro nessa variedade de sentidos e interpretações para não me prender à uma história cronológica ou até mesmo fiel ao real. E também nas próprias fotografias, essas fazem parte de um todo, não falam sozinhas.

2

“Agora vejamos, para ser devidamente apreciada, uma excursão a pé deve ser feita a sós. Se optarem por realiza-la em grupo, ou mesmo a dois, ela só manterá, da excursão pedestre, a denominação, é algo diverso que se aproximaria bem mais do piquenique. Uma excursão a pé deve ser feita sozinho, pois a liberdade é essencial, pois se deve estar livre para parar e para prosseguir, e para tomar esse caminho ou aquele outro, segundo seus próprios caprichos, e porque se deve caminhar no seu próprio ritmo.” (Robert-Louis Stevenson, Viagem com um Burro nas Cevenas).

Caminhar sem rumo, poder mudar de direção e sem um destino específico. Sem escolher um roteiro, simplesmente deixar-se levar pelo fluxo do corpo e dos pensamentos, da vontade eminente no momento. No campo ou nas cidades, o assunto se torna paisagem, a arquitetura, a rua, o pasto, as árvores, pessoas e animais. Cenários e personagens da sua própria caminhada. Uma caminhada que não é a mesma se quer de alguém que te acompanha lado a lado. Um segundo olhar sobre o caminho pode ser “complementar”, atentamos para coisas diferentes, cada um de nós, e compartilhar essas visões agregam a caminhada, como uma coisa que você não percebeu, mas lhe foi mostrada.

“O flâneur subtende o momento em que a cidade tomou proporções tais que vira paisagem. Pode-se percorrê-la como se percorre uma montanha com suas travessias de desfiladeiros, reviravoltas de perspectiva, perigos também, e surpresas. Virou uma floresta, uma selva.” (O flâneur das cidades, Caminhar, uma filosofia).

A cidade propicia uma profusão maior de cenas e informações, sem a contemplação possivelmente silenciosa (falo de coisas que veem a você sem nem ao menos procurar, por que se procurarmos, veremos muito, em tudo) de um cenário campestre, como em longas caminhadas por uma plantação de monocultura, lugares onde o plano de visão se preenche com bege e azul, ou tons de verde e terra. Na cidade percebe-se a eminência de cenas acontecendo paralelamente na linha do tempo.

As pessoas e grupos têm suas próprias linhas, que continuam a correr mesmo quando interrompemos a nossa para observá-los. Ao observar essa quantidade de ações, a vida da cidade propicia uma caminhada intensa de informação, mesmo ao sair para não pensar em nada. Você se expõe à essas visões, a essa teia de vidas. A cidade vive, cada cidade, bairro, quadra, prédio e famílias têm uma distinta do outro, do ao lado. Aspectos influenciados pela cultura, costumes, personalidade de cada pessoa, e pela ocorrência dessa mistura específica. Específica por que cada combinação gera uma mistura única, com combinações infinitas.

Se sujeitar a esse ambiente diferente do habitual e querer observar esses aspectos e o que os diferencia, faz parte da viagem, da caminhada.

Torna-te um forasteiro, desconhecido a cidade, e a cidade desconhecida a você.

“O flâneur está defasado, e esse desnivelamento decisivo, sem excluí-lo nem mantê-lo afastado, o distrai da massa anônima, o singulariza para si mesmo.”

Essa diferença “sutil” talvez seja parte do que separa o caminhante do “flâneur”, o se propor ao desconhecido e a experiência, que encontra na serendipidade (ou à descoberta por acaso, estar aberto as múltiplas possibilidades) um caminho e um destino.

“Já o flâneur não está obrigado a ir aqui e acolá. Então ele para diante de brilhos de luz, rostos o detêm, ele diminui o passo nos cruzamentos. Mas, resistindo à velocidade do sistema da sobrecarga de afazeres, sua lentidão se transforma na condução para uma agilidade superior: a do espírito.

Pois ele vai captando, no ar, imagens. O transeunte precipitado alia o ritmo rápido do corpo ao embrutecimento do espírito. Ele só quer saber de andar depressa e seu espírito é como uma máquina girando à toa, ocupado simplesmente em contabilizar o vazio. O caminhante desacelera o corpo, mas seus olhos continuam a deslocar-se e seu espírito é atraído por mil coisas ao mesmo tempo.” (Caminhar)

Nesse trecho acima, observa-se a grande diferença do observar de um caminhante forasteiro, e do caminhante em sua rotina, em sua própria cidade.

É possível, no entanto, se propor ao deslocamento de um flâneur em sua própria cidade, observando e interagindo de uma forma que não a de costume. Interesse pelo desconhecido e se dispor ao desconhecido.

“Não faz nada, mas está em todas as coisas encurraladas, observa, seu espírito conserva-se incessantemente atento.”

3

Tendo a viagem e o destino já decididos, pesquisei sobre a Cidade do México, como lugares imperdíveis e o porque de o serem. O fato de ser uma viagem em grupo, e deste grupo estar focado em conhecer os pontos turísticos da cidade, diminui a possibilidade da serendipidade desejada. Mas busquei aliar os dois momentos, conhecendo a cidade que todos diziam para eu conhecer, e a que ela própria me mostrou, claro que nunca há como conhecer um lugar por inteiro, nem mesmo a própria cidade, ou casa.

Por isso a escolha de mostrar uma experiência e não uma cidade.

Procurei fotografar lugares e objetos que me chamaram a atenção e me fizeram ter vontade de guardar o momento. Mas não todos eles, alguns, se parar para buscar a câmera, fotometrar, clicar... Já se perdeu o momento. Alguns eu preferi observar atentamente, ou desenhar, ou escrever.

O registro foi feito com câmera digital e analógica. Digital pela praticidade, e analógica pois faz parte do meu interesse fotográfico e gráfico, o processo, uma imagem sob a qual não se tem tanto controle, dependendo do filme, cor da luz e processo de revelação o resultado é alterado.

Minha procura foi por imagens que mostrassem um pouco do que vi, do que presenciei e experimentei. Seguem abaixo algumas imagens registradas.



NARRATIVA VISUAL

1

“A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” (BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, p. 221).

Narrar é por essência, contar uma história. Algo que contaram a você, que ouviu por aí, que te ensinaram, ou simplesmente algo que descobriu, ou vivenciou. Não é necessário pessoalmente ter vivido o fato ou a experiência. Pode-se além desse modo, passar um ensinamento a frente. Walter Benjamin, no texto “O Narrador” , explica a relação entre ‘história falada’ e ‘história escrita’, como as duas modalidades interagem e uma é influenciada pela outra. Conta como a narrativa falada influenciou a escrita, e que, quanto mais a escrita se aproxima da falada, melhores são: “A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, p. 214).

Conta também sobre a origem desse narrador, se viajante ou sedentário, e que ambos tem o que contar. Valorizando tanto o viajante que conhece distantes realidades, e um camponês, por exemplo, que se aprofundou em sua realidade mais próxima.

“Quem viaja tem muito que contar’, diz o povo, e com isso imagina o nar-

rador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.” (BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, p. 214).

Voltamos aqui ao fato mencionado no capítulo anterior, onde não é necessário o deslocamento físico para uma viagem, ou para ter algo interessante para contar. Mas o viajante, pode ser um narrador mais óbvio, ou apenas com percepções diferentes da realidade, o que causa um fascínio no leitor, ouvir algo que nunca ouviu antes, algo distante, onde ele próprio não pode chegar, ou ainda não chegou.

Mas que história deve ser contada? Merece ser contada? Em 1936, Benjamin já mencionava o excesso de informação que nos alcança:

“A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece é favorável a narrativa, e quase tudo beneficia a informação. Metade da narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações.” (BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, p. 219).

Entendo por esse texto que a narrativa deve deixar algum espaço para que o leitor imagine, preencha algumas lacunas, e de certa forma, tenha sua própria versão da história.

É importante também, na minha pesquisa, que o leitor rapasse o conteúdo lido, queira contar a história.

“Nada facilita mais a memorização das narrativas do que aquela sóbria concisão que as subtrai à análise psicológica. E quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, tanto mais facilmente a história será gravada na memória do ouvinte, tanto mais

completamente ela irá assimilar-se à sua própria experiência, tanto mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de reconta-la um dia.” (BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, p. 220).

Quero contar a história de uma forma onde o leitor participe da construção da narrativa, ao ponto que cada pessoa lerá uma história.

Não utilizar um tempo cronológico, ou não me ater a uma história fidedigna aos acontecidos, fazem parte dos planos. Para alcançar tal objetivo, pretendo utilizar o formato (elementos que possibilitem o leitor criar sua própria ordem dos fatos por exemplo), que será explicado melhor no capítulo a seguir, e um outro elemento ainda não citado, o texto.

Minha narrativa então, será essencialmente visual, mas não somente, já que o texto e as imagens não se sobrepõem na hierarquia da informação, e no seu posicionamento de página.

Tão pouco o texto tem uma relação de legenda com as fotos, por não tentar explicá-las, ou as imagens ilustram o texto. Os dois estão trabalhando juntos, para que a história seja contada.

Em certo momento durante a pesquisa, me veio a cabeça o nome “Nota al Pie”, que significa ‘nota de rodapé’ em espanhol. A ideia era que o texto tivesse essa relação de notas com as imagens, mas cheguei a uma conclusão diferente: já que texto e imagem estão trabalhando juntos e não há hierarquia entre eles, ambos são notas da minha viagem, minhas citações, anotações, coisas que reparei.

Então apesar de o motivo ter mudado, o nome permanece.

“Contar histórias: verdade ou ficção?”

Uma história contada por meio de fotografias pode assumir muitas formas, e a apresentação ou visualização de uma imagem em um determinado contexto dará forma à maneira como a imagem é lida.” (SHORT, Maria, Contexto e narrativa em fotografia, p.14).

Sobre essa tal narrativa visual... Talvez, uma narrativa apenas com imagens, se aproxime muito do aconselhado por Benjamin anteriormente, quanto menos explicações, melhor. As imagens, por tanto, possibilitam essa ‘livre’ interpretação do leitor, para que ele próprio estabeleça a teia que permeia as imagens, a história em si.

Em “fotografia x viagem” falei sobre como a memória e a vida de cada pessoa influencia em sua visão sobre tudo. “Minha intenção artística é fazer um trabalho que explore a forma como nossa história, nossa memória e nossos sistemas de conhecimento se combinam para influenciar o modo como reagimos aos lugares que habitamos, visitamos, criamos e com que sonhamos.” (Jem Sontham , Contexto e narrativa na fotografia, p.52).

Então além do contexto em que o próprio leitor está inserido, também influencia na construção da narrativa, como essas imagens estão dispostas, o que mais compõe com essas imagens, que elementos. O contexto em que essas imagens estão e como essa história está sendo narrada.

“... embora os fotógrafos possam tentar transmitir uma intenção ou expressão, nem sempre é possível prever com precisão a resposta do espectador. No entanto, a resposta do espectador pode ser influenciada pelo engajamento do fotógrafo com a linguagem visual de uma maneira coerente com a sua intenção.” (SHORT, Maria, Contexto e narrativa em fotografia, p.80).

Uma imagem por si só, nos dá a liberdade de imaginar que história estaria por trás, que acontecimento. Quero usar essa particularidade de fotos onde há essa possibilidade, para criar talvez, uma nova memória sobre o acontecido. “Uma narrativa fotográfica pode ser uma interpretação fictícia de uma determinada pessoa, lugar, evento ou momento.” (SHORT, Maria, Contexto e narrativa em fotografia, p.98).

O tempo da narrativa, quando pode ser desconstruído, possibilita ainda mais essa interação: “Especialmente na comunicação visual, uma narrativa não precisa seguir um sentido linear. Pode ser cíclica, ou estar contida em uma única imagem, ou fazer referências cruzadas que, quando reunidas, substanciam o entendimento ou interpretação que o espectador faz das intenções do fotografo.” (SHORT, Maria, Contexto e narrativa em fotografia, p.98). Não me prendendo à uma sequência cronológica de fatos. Na verdade, não me prendendo à uma história narrada por fatos, onde o tempo não é linear, não precisa ser.

Busco a partir do que considero algumas séries de fotos, materializar uma imaginação sugerida pela minha narrativa. “Uma série ou conjunto de fotos pode funcionar como uma narrativa, sendo que o método de produção e a forma de apresentação podem sugerir ao público indícios visuais sutis que darão corpo à leitura.” (SHORT, Maria, Contexto e narrativa em fotografia, p.102).

Juntamente com os desenhos, texto e formato, ou seja, trabalhar em como esse conteúdo é apresentado.

“... o fotografo precisa ter em mente vários pontos-chave durante a produção e o planejamento da apresentação de seu trabalho. Precisa refletir sobre como o público vai ver as imagens e sobre como o contexto pode influir nas escolhas que ele faz.” (SHORT, Maria, Contexto e narrativa em fotografia, p.102).

O texto : decidi junto com as fotos e imagens, haveria um texto, talvez uma outra narrativa, que acompanhasse as imagens, mas que não as explicasse, quem sabe complementasse, mas não necessariamente.

Algo que fosse inspirado pela narrativa visual, e que expandisse seu alcance.

Haviam duas alternativas: eu mesma escrever esse texto ou convidar alguém para escrever.

Minha experiência não é muito positiva em relação à parecerias, mas valorizo o quanto pode agregar à um projeto, e, nesse caso da narrativa, um olhar de fora é positivo, e favorece as múltiplas possibilidades de histórias. E ainda começaria a funcionar o meu maior objetivo, que é a reverberação dessa minha memória, que ao meu ver, aumenta o fator de interesse quando misturada às memórias de outra pessoa, e outra, e assim por diante.

Convidei uma amiga, Isadora Dalle, por me identificar com os seus textos, e seu jeito de pensar sobre as coisas, onde devaneios tem seu interesse por si só, sem depender de soluções aos questionamentos. O devaneio pelo devaneio. A viagem pela viagem.

LIVRO Objeto e experimentação

1

“O livro moderno nasce de uma longa evolução da escrita, do suporte, da aprendizagem, da observação, do conhecimento, da demanda, da técnica, da indústria, do métier.” (PAIVA, Ana Paula Mathias de, A aventura do livro experimental, p.15)

A necessidade de passar adiante uma informação, vem desde sempre implantado no ser humano, uns mais outros menos. E ao longo da história da humanidade fomos evoluindo essa necessidade e seus meios, um deles se tornou o livro. Chegando a um ponto em que “dominamos” o processo (conseguimos produzir uma grande demanda por um assunto escrito ou imagético, com um mínimo esforço corporal, através das tecnologias hoje existentes) e faz parte desse processo passar a questionar algumas decisões, definições e repensa-las. Isso não vem de agora, diversos pensadores, pesquisadores e artistas já deambulam sobre o assunto.

Esses questionamentos geram mudanças e experimentações no processo de concepção e produção do objeto.

Paulo Silveira é um pesquisador da área e usei sua tese para me guiar em alguns aspectos e definições:

“É assim definido: ‘Livro de artista, obra em forma de livro, inteiramente concebida pelo artista, e que não se limita a um trabalho de ilustração. (Sob sua forma mais livre, o livro de artista torna-se livro-objeto)’. Livro-objeto é o ‘objeto tipográfico e/ou plástico formado por elementos de natureza e arranjo variados’... (1) livro de artista pode mesmo designar tanto a obra como a categoria artística; (2) o conceito é ainda muito problemático, pondo em xeque pesquisadores com pesquisadores, artistas com artistas, e pesquisadores com artistas, além de envolver outras especialidades, como estética, literatura, biblioteconomia e comunicação; (3) que a concepção e execução

pode ser apenas parcialmente executada pelo artista, com colaboração interdisciplinar; (4) que não precisa ser um livro, bastando ser a ele referente, mesmo que remotamente; e (5) que os limites envolvem questões do afeto expressadas através das propostas gráficas, plásticas ou de leitura.” (SILVEIRA, Paulo, A Página Violada, p.25 e 26).

Vamos além de um conteúdo e começamos a enxergar também o volume, o tridimensional do objeto. “Como todo livro (aqui entendido como volume), ele também é um corpo físico que ocupa lugar no espaço. É uma coisa, um objeto. Mas se o livro é, o livro de artista é muito mais. É linguagem e metalinguagem tornadas concretas. É um corpo físico expressivo.” (SILVEIRA, Paulo, A Página Violada, p.120).

A partir desses questionamentos, busco repensar a forma.

Temos o formato “códice”, tradicional da arte do livro, que contempla uma real necessidade, mas não a de todos os conteúdos. É importante que o conteúdo seja parte do processo para a criação desse objeto, se ele é um livro de texto, imagem e etc.

2

“*publicação*

s.f. Ato pelo qual se torna público um fato; divulgação.

Ato de publicar, de entregar um escrito ao público: publicação de um livro.

Obra impressa, escrita, publicada.”

Ao se pensar o livro como uma publicação, e se aprofundar na definição de tornar algo público, vejo que o que importa é o meio, o suporte usado que influencia na eficiência de publicar essa informação. Vou usar esse pensamento para dar forma ao meu conteúdo, tentando não me prender ao resultado final desde o início, mas que ele seja fruto de um processo.

PROJETO GRÁFICO

O Livro

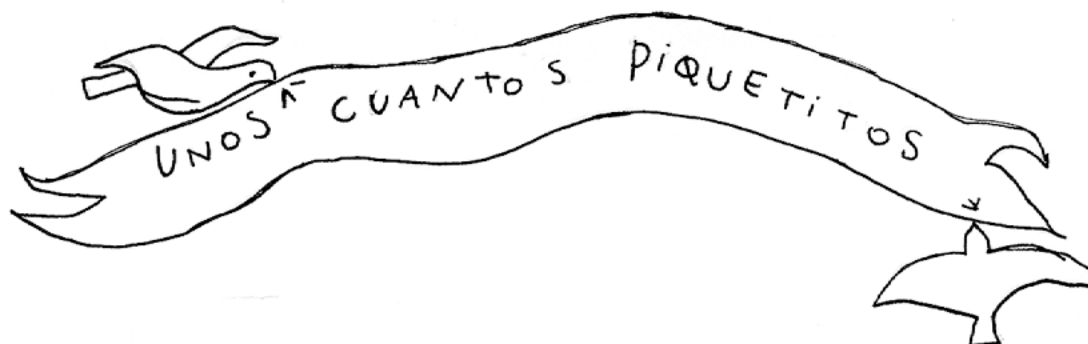
A partir das pesquisas então, estabeleço alguns requisitos:

1 – Construir uma narrativa baseada na minha experiência, memória e registros fotográfico da viagem à Cidade do México;





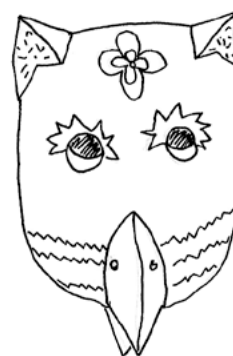
2 – Além das fotografias, utilizar os objetos e desenhos;



BURRO



PERICO



BÚHO

3 – Compor o texto com as imagens, sem hierarquia, em relação de igualdade;

Quando pude ver era muito tarde, a luz da lua não entrava pela janela e não porque era lua nova, mas porque fechada, nada entrava e nada saía. De alguma forma isso era a nós dois: o breu. Abrir o olho e não enxergar nada e então sentir-se vivo na veia, quando o coração dispara. É independente de mim e de você, palomita, é cego e transcorre.

Como a imagem.

4 – Gerar um resultado que o conteúdo gere a forma, e que o leitor participe de alguma forma na leitura da narrativa, podendo alterar a ordem e o tempo por exemplo.

5 – Uso do artifício manual, onde eu faça parte direta da construção do projeto.

1

Ao voltar da viagem, coloquei os filmes expostos para revelar, e tratei as imagens digitais, fazendo ao mesmo tempo, uma pré-seleção das imagens, onde o critério era nitidez, composição e relevância das fotos para o projeto.

Imprimi essa seleção em pequenos formatos, para a construção de um painel onde eu comecei a contar a história.



Nessa montagem, surgiram grupos de fotografias, separadas por assunto.

Três grupos, o primeiro com imagens que remetiam ao universo da pintora Frida Kahlo. Durante a viagem visitei alguns museus que mostravam o universo da artista, entre eles a casa em que ela nasceu e morreu, o ateliê do Diego Rivera (cons-

truído após a morte dela, mas que fazia referência a ela), e a Casa Dolores Olmeda, colecionadora de arte e “patrocinadora” dela e de outros artistas. Fui me encantando cada vez mais pela personalidade dela, a medida que entrava em contato com sua história, e foi parte importante da viagem, algo que ficará em minha memória.

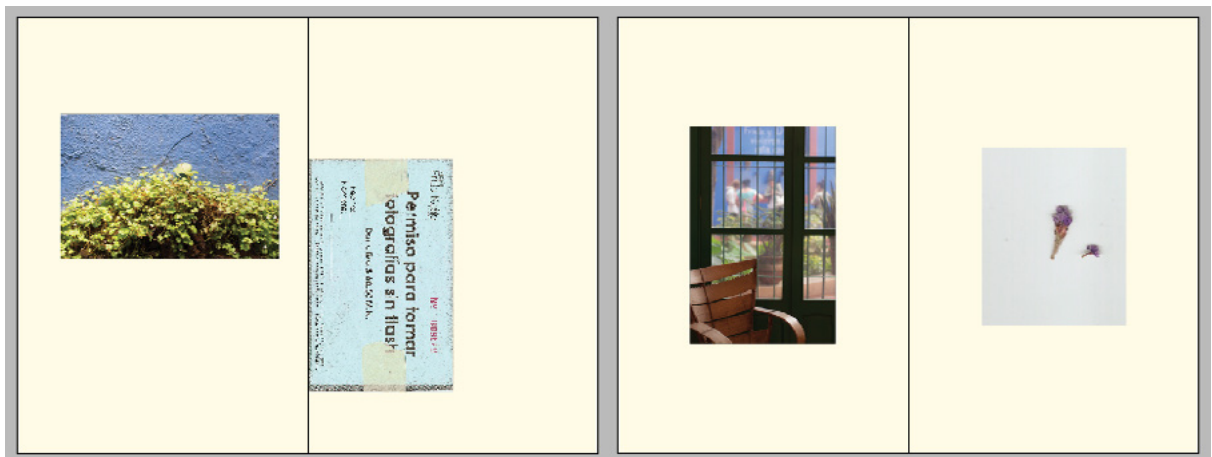
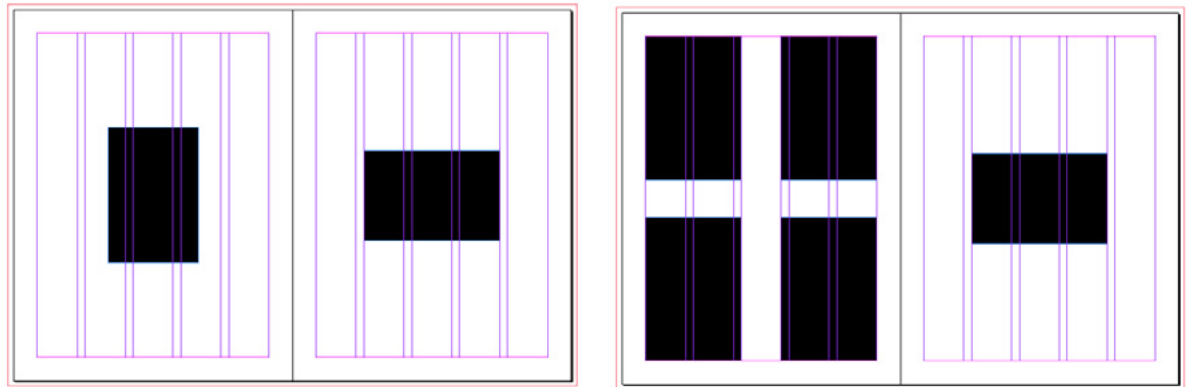
O segundo, fotos relacionadas a influência histórica que a sociedade de lá guarda das culturas pré-colombianas. Nos arredores da cidade há um sítio arqueológico com ruínas de uma sociedade que quando os astecas dominaram a área, já havia ruído. Grandes pirâmides, resquícios de casas e avenidas. Durante a visita entrei em contato com essa parte histórica que mostra bem como o que vemos e temos contato, apesar de “antigo”, é impressionantemente novo. Histórias e suposições de como seria a sociedade, quais os costumes, fazem parte de como os povos vivem até hoje.

O terceiro, fala sobre um outro ponto em que a cidade me surpreendeu, e que roubou meus pensamentos diversas vezes enquanto caminhava pelas ruas de lá, a urbanidade. O modo como os prédios interagem com o verde da cidade, e o modo como as pessoas interagem com os espaços. O modo como a cidade é ocupada mostra o quão antiga a cidade é. Uma cidade gigante em extensão, mas que a cada pequeno espaço vazio há uma árvore, cada viaduto, avenida, é pensado para mesclar as duas realidades. Muitos parques, grandes e pequenos, várias áreas preservadas. A cidade foi crescendo e engolindo os seus arredores, e algo que poderia ser descontrolado, acabou se tornando algo pensado. Talvez não tenha sido sempre assim, mas muito mais que outras cidades, estão caminhando para um ponto de equilíbrio.

2

Com o fluxo de imagens estabelecido, comecei a gerar alternativas.

Geração de alternativas



Percebi que na verdade, cada capítulo tinha uma necessidade de formato diferente, pedia algo distinto do outro, pela quantidade de fotos, texto, ou formato das imagens, e assunto. E que eu não precisava me prender ao formato códice para dar forma ao objeto.

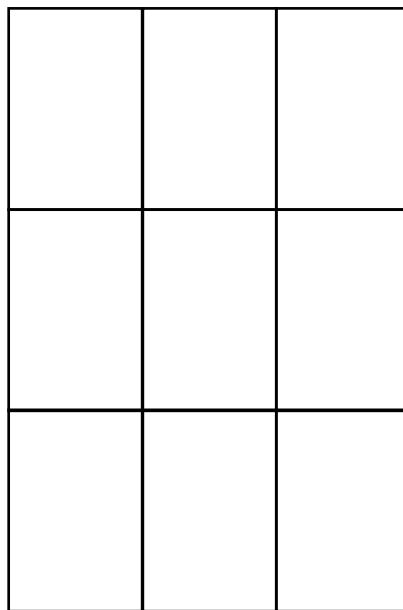
Procurei então aumentar a interação do leitor, sua participação, e adequar o formato.

Projeto gráfico final

Construção dos capítulos:

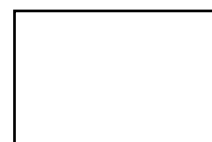
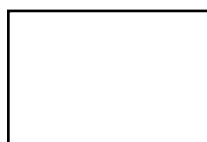
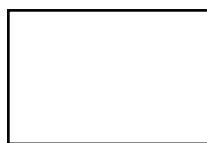
1 – Me encanta su vida

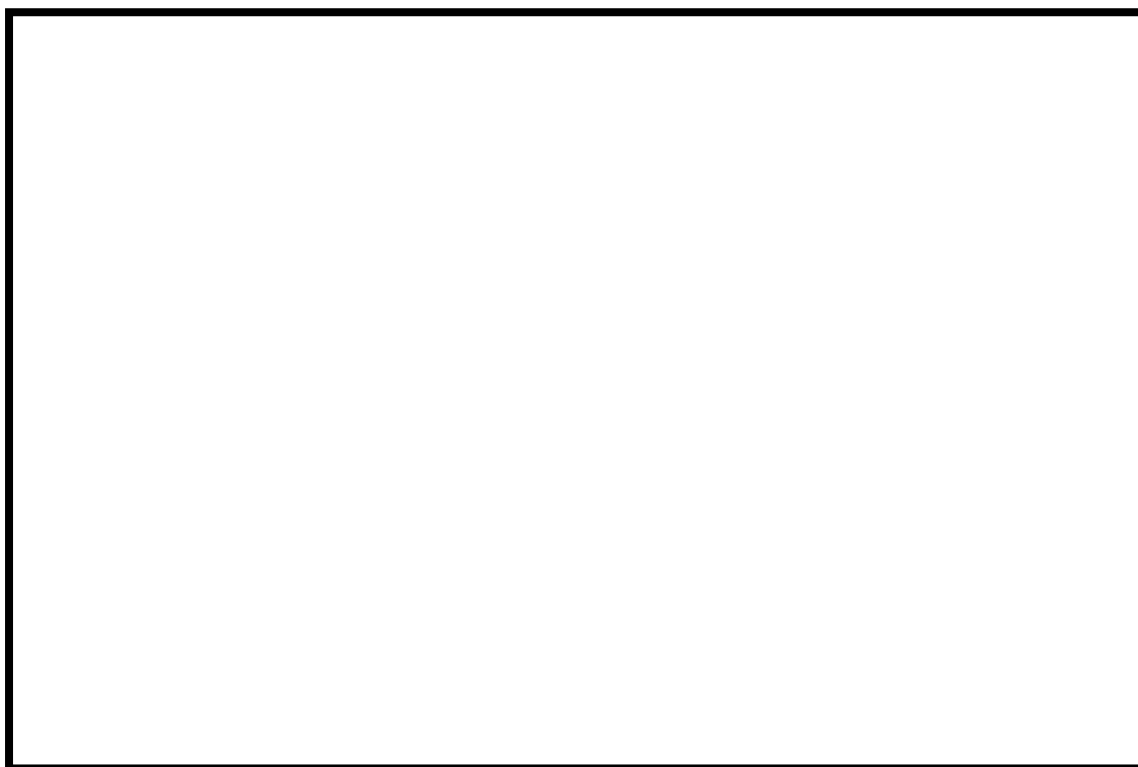
Para este capítulo, atribuí um formato de pôster. Uma folha A3, dobrada continuamente até o formato final. Onde posso utilizar a frente (que se lê enquanto abre) e o verso (visto de uma vez e por inteiro, quando virada a página).



2 – Escadaria

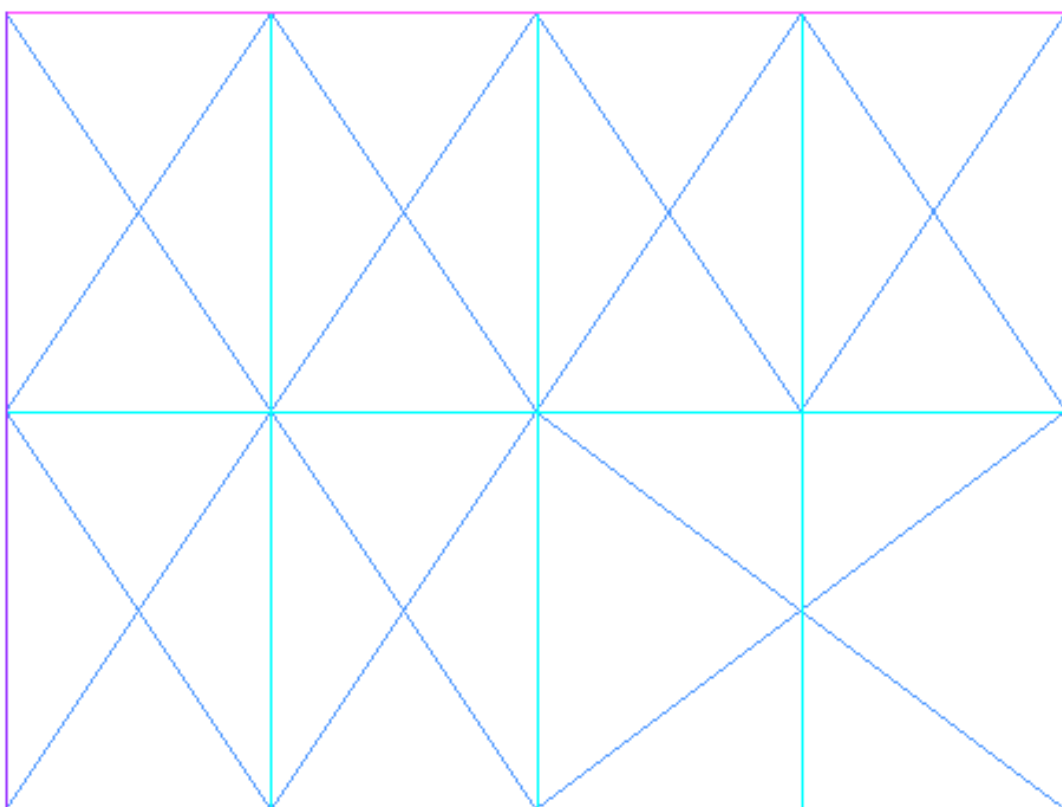
Pelo caráter informativo dessa capítulo, e para agregar ao projeto minha vontade de reverberar a memória, seriam postais, seis imagens escolhidas, com o texto no verso. Que possibilita ao leitor que separe uma página, ou mesmo várias, brinque com a ordem, desloque.





Grid:

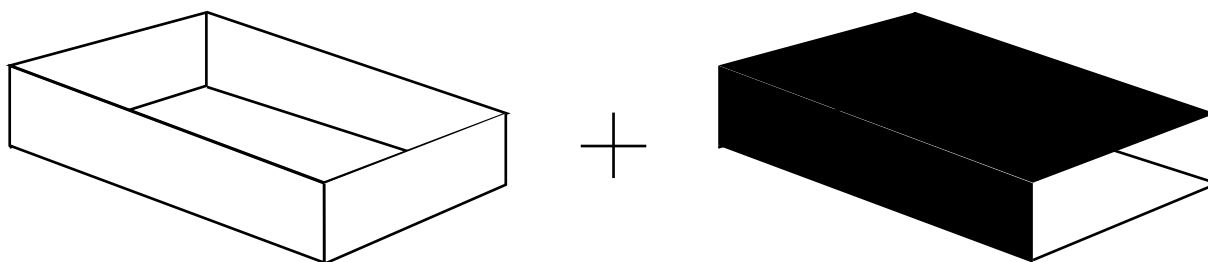
Como no novo formato há várias dobras, utilizei-as como linhas guias, base para a composição das imagens na página.



Embalagem:

Como os capítulos foram segregados, e fazem parte do objeto páginas soltas, surgiu a necessidade de um invólucro, para introduzir o leitor às informações (capa) e juntar e proteger as páginas.

O formato pensado foi semelhante à uma caixa de fósforos, feita de papel resistente, que quando montada, mantenha uma altura fixa.



Produção:

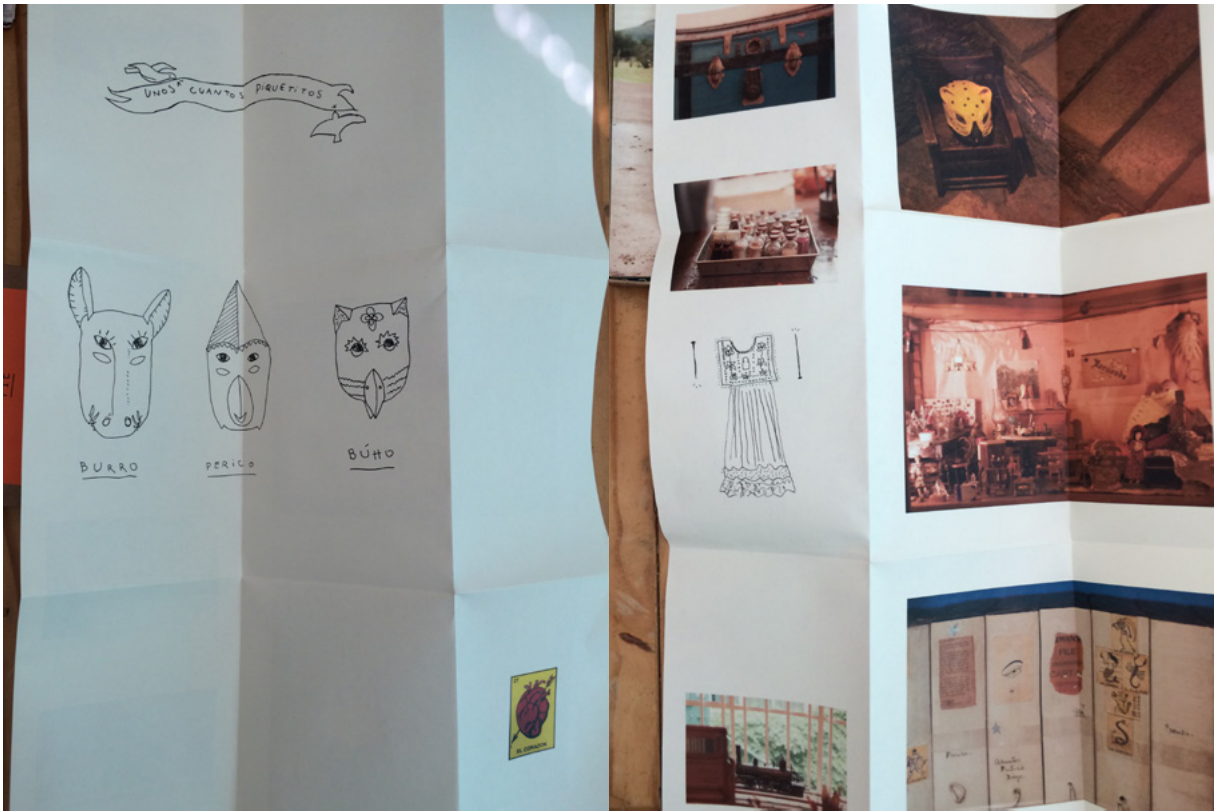
O livro será impresso em gráfica rápida, com predileção ao papel pólen, 60 gsm. Refilado, vincado e montado manualmente.

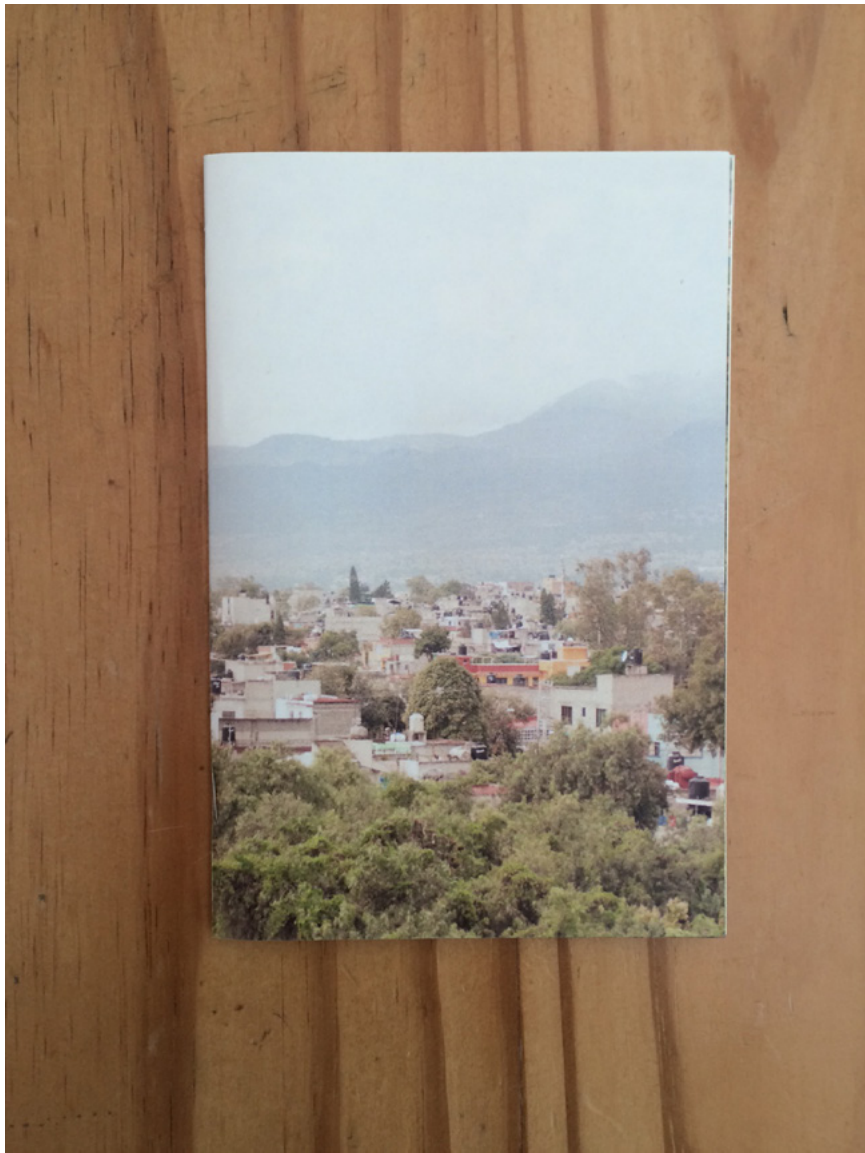
A embalagem, cortada e montada à mão, com a capa e ficha técnica impressa em papel colorido e colada à caixa.

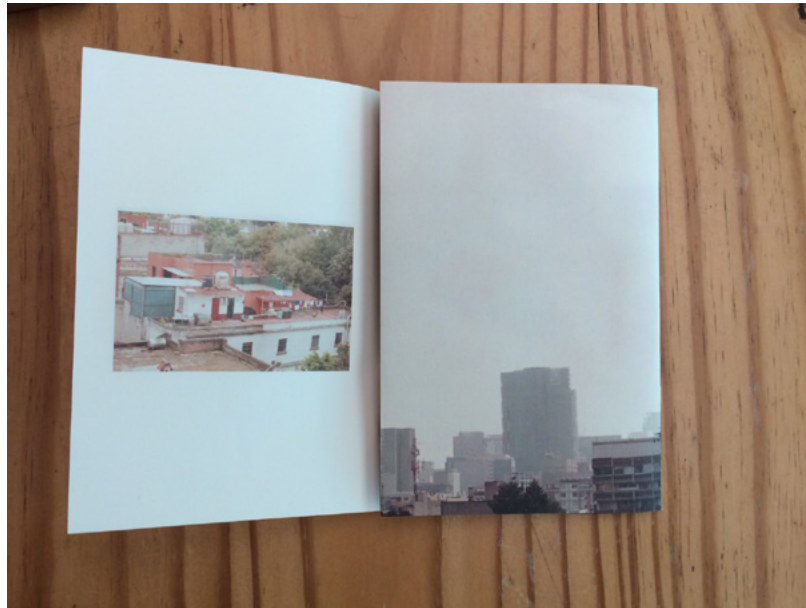
Tiragem inicial de 10 unidades.

Producto Final











CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das fotografias

Tenho grande interesse pela experimentação fotográfica, principalmente analógica, mas também saber utilizar a imagem digital quando necessário. As duas modalidades tem particularidades e aplicações diferentes.

É essencial, nos dois casos, a prática.

Do design autoral

Há um preconceito de que o designer cria soluções para uma problemática levada a ele. Aplicando os aprendizados de técnica para que algo seja resolvido.

Acho que vai além, o designer é também pessoa, com vontades e gostos, podendo sim propor conteúdos e formas sem a necessidade da precedência de um problema a se resolver.

E esse é um exercício do projetar, projetar para si mesmo, pensando não somente em um cliente, mas também em possíveis visualizadores do projeto, no meu caso, leitores.

Criei uma publicação de conteúdo autoral, mas focada na leitura que seria feita posteriormente, inclusive, me utilizando disso como requisito do projeto. Acredito que isso não se distancia do design.

Da experimentação formal e material

É importante para o designer, ao projetar, conhecer suas possibilidades. A cada pesquisa, sinto que há um leque de possibilidades que vai crescendo em minha mente, visual e tátil.

Ver um projeto pronto, pesar o que funcionou, o que não funcionou e por que, dá sentido ao processo.

Do projeto de graduação

Construir um projeto por conta própria, desde sua concepção até a montagem final, passando por pesquisas, gerações de alternativa e decisões, é uma tarefa pouco realizada durante o curso de Desenho Industrial, que incentiva a produção em grupo. Mas somente construindo assim, é que se percebe pequenos pontos importantes para o processo, conhecer as etapas e saber de que cada uma é composta.

REFERÊNCIAS

FATORELLI, ANtonio. Fotografia e viagem.

KOSSOY, Boris. Os tempos da fotografia.

KOSSOY, Boris. O Cartão postal

———. Origem e evolução do aparelho fotográfico. Disponível em: <http://achfoto.com.sapo.pt/hf_6-4.html>. Acesso em: 07 de novembro de 2014.

GROS, Frédéric. Caminhar, uma filosofia

———. Definição de publicação. Disponível em: <<http://dicio.com.br/publicacao/>>. Acesso em: 26 de novembro de 2014.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas.

SILVEIRA, Paulo. A Página Violada.

SHORT, Maria. Contexto e narrativa em fotografia.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. A aventura do livro experimental.

ANEXOS

Textos da Isadora Dalle

1

Como uma coisa escondida pra sempre, um mistério que surge a respeito de algo que eu sempre pensei conhecer. Das plantas que se vê crescer e se pensa saber aonde nascem as flores, mas cada vez que nascem, aparecem em um lugar diferente.

Foi talvez a tarefa mais difícil que eu já tive que executar, de todas as encomendas que me foram passadas, a tua certamente foi a que eu não consegui terminar, mas tenho certo, foi algo que tentei todos os dias de nossa vida juntos.

Eu fico pensando que é algo nos espaços entre os objetos, na disposição da sua cadeira embaixo da sua janela, uma maneira que bate o sol em determinada hora da manhã. São todas coisas que me escapam, por serem completas para dentro delas, por serem livres. São como palomita, minha Frida.

Si todas la palomitas volaran igual que tu el cielo se vendría abajo. Que é certamente um efeito seu, uma espécie de abalo cósmico.

Quando pude ver era muito tarde, a luz da lua não entrava pela janela e não porque era lua nova, mas porque fechada, nada entrava e nada saía. De alguma forma isso era a nós dois: o breu. Abrir o olho e não enxergar nada e então sentir-se vivo na veia, quando o coração dispara. É independente de mim e de você, palomita, é cego e transcorre.

Como a imagem.

Niño com seis anos, apelidava-se niño na obviedade de uma criança que vive entre adultos. Andava meio existencialista e eu por não achar de todo ruim, incentivava.

Uma época de descobrir o passado, não deve ser mesmo fácil embarcar num mundo de tanta história, sendo a criança que se é. Se perguntava de anos e anos por dias e dias.

Niño: Na expressão e na concretude, pedra sobre pedra me parece um trabalho árduo demais. Me cansei só de olhar....

Suspirava.

Niño: Se há maneira de escorrer as águas, por que tanta escada?!

Mas é bonito de se ver. Escalar é como escorrer para cima.

Niño: Olha só, daqui é possível ver um resquício de humano, mas é chamado ruína. A ruína é um abandono da humanidade. Por que nós admiramos tanto o que foi deixado para trás por outros?

Niño: As casas de hoje não são de pedra porque seus resquícios durariam anos e anos. O meu pai já quer se mudar da nossa casa. Acho que as pessoas andam querendo partir sem deixar nada pra trás.

Quando na diferença está o gosto e a contemplação, respiro fundo a tentar absorver todo o ar da situação. E somente o expiraria mais tarde, aos poucos, num sopro de palavras que tentam ostentar o momento passado.

Preciosidade esta que é real, que me vem em árvores e plantas que compartilham da vida ali. Em que as coisas reverberam umas nas outras, sintonizando, está aí o lugar que eu não imaginaria. Auto-organização porque se deseja viver na memória do passado, na espessura do presente e na construção do futuro.

Poder estar parado e viver plenamente o momento em que meu olho enquandra, em que todo o resto escapa. Às vezes as horas passam na mente insistindo na colheita frustrada do que haveria por fora do quadro que eu teria perdido.

Fico pensando se toda vez que se construísse um prédio, além das análises corriqueiras, se pensasse no seu lugar dentre os prédios vizinhos a partir de determinados pontos de vista, assim se descobriria que da minha janela eu sinto falta de um ponto amarelo, um pouco mais alto, talvez em destaque, no alto à esquerda.

Sem fim da vista é o horizonte e é o porque a cidade me pega no olho, há espaço para escapar, pois há sempre céu e é sempre bom ter uma rota de fuga.